

NGUYỄN PHAN QUẾ MAI

**QUANDO
AS MONTANHAS
CANTAM**

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos livros

Dedicatória

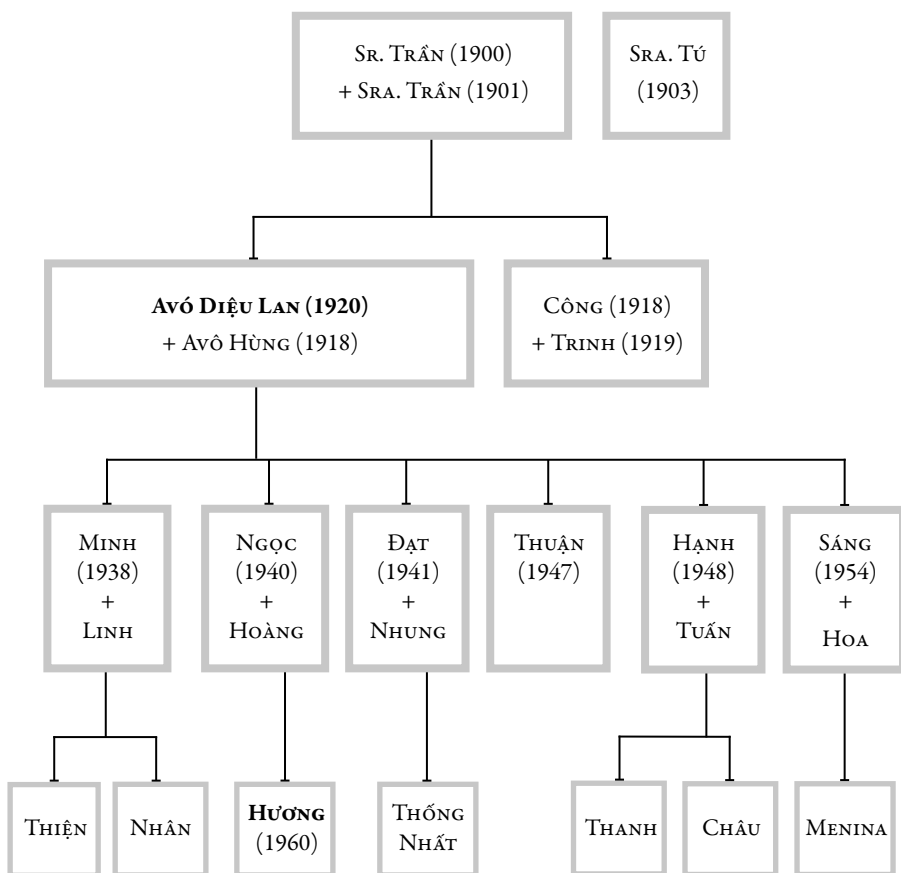
Para a minha avó, que pereceu na Grande Fome; para o meu avô, que morreu por causa da Reforma Agrária; e para o meu tio cuja juventude foi consumida pela Guerra do Vietname. Para os milhões de pessoas, vietnamitas e não vietnamitas, que perderam as suas vidas na guerra. Possa o nosso planeta nunca mais assistir a outro conflito armado.

Este livro é uma obra de ficção. Ainda que os grandes acontecimentos históricos sejam reais, os nomes, personagens e incidentes são fruto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é pura coincidência.

Índice

Árvore Genealógica da Família Trần	13
As Mais Altas Montanhas	15
Vermelho sobre os Grãos Brancos	17
O Adivinho	33
Levantar e Voltar a Cair	57
A Grande Fome	93
O Presente do Meu Pai	113
A Reforma Agrária	147
A Viagem para Sul	165
A Caminhada	183
O Segredo da Minha Mãe	217
Destino	249
O Rapaz do Campo	273
O Caminho para a Felicidade	301
O Meu Tio Minh	315
Enfrentar o Inimigo	347
As Canções da Minha Avó	361
Agradecimentos	363

Árvore Genealógica da Família Trần



As Mais Altas Montanhas

HANÓI, 2012

A minha avó costumava dizer-me que, quando os nossos antepassados morrem, não se limitam a desaparecer, continuam antes a velar por nós. E agora, sinto-a a velar por mim enquanto acendo um fósforo, ateando fogo a três paus de incenso. No altar ancestral, atrás do sino de madeira e dos pratos de comida a fumegar, os olhos da minha avó brilham enquanto uma chama azul-alaranjada brota, a consumir o incenso. Sacudo o incenso para apagar o fogo. Enquanto queima lentamente, cortinas de fumo e fragrância sobem em espiral em direção ao Céu, chamando os espíritos dos mortos a regressar.

– *Bà ời* – sussurro, erguendo o incenso acima da minha cabeça. Por meio da bruma que vela a fronteira entre os nossos dois mundos, ela sorri-me. – Tenho saudades de ti, avó.

Uma brisa sopra pela janela aberta, envolvendo-me o rosto como as mãos da minha avó faziam outrora.

– Hương, minha amada neta. – As árvores junto à minha janela rumorejam as suas palavras. – Estou aqui contigo, sempre.

Deposito o incenso na taça diante do retrato da minha avó. As suas feições suaves resplandecem com o perfume do incenso. Olho para as cicatrizes no seu pescoço.

– Lembras-te do que te disse, querida? – A sua voz murmura nos ramos inquietos. – Os desafios enfrentados pelo povo vietnamita ao longo da História são tão grandes como as mais altas

montanhas. Se te chegares demasiado perto, não lhes conseguirás ver os cumes. Assim que te afastares das correntes da vida, terás a vista completa...

Vermelho sobre os Grãos Brancos

HANOÍ, 1972-1973

A avó segura-me na mão enquanto vamos para a escola. O Sol é uma grande gema de ovo a espreitar por entre uma fila de casas com telhados de latão. O céu está tão azul como a blusa favorita da minha mãe. Pergunto-me onde estará ela. Terá encontrado o meu pai?

Aperto a gola do meu casaco enquanto o vento rasga o ar, rodo-piando numa nuvem de pó. A avó baixa-se e encosta o seu lenço ao meu nariz. A minha mochila pende-lhe do braço enquanto fecha a mão em concha sobre o seu rosto.

Recomeçamos a andar assim que o pó assenta. Forço os ouvidos, mas não oiço nenhum pássaro. Procuo, mas não há uma única flor no nosso caminho. Nem erva à nossa volta, apenas pilhas de tijolos partidos e metal torcido.

– Goiaba, tem cuidado.

A avó afasta-me da cratera de uma bomba. Trata-me pela minha alcunha para me proteger dos espíritos malignos que acredita pairarem sobre a Terra, em busca de crianças bonitas para raptar. Disse que o meu verdadeiro nome, Hương, que significa «fragrância», os atrairia.

– Quando chegares a casa hoje, terás o teu prato favorito, Goiaba – diz-me a avó.

– Sopa de *noodles phở*? – A felicidade faz-me falhar um passo.

– Sim... Os bombardeamentos impediram-me de cozinhar. Mas tem estado tranquilo, por isso, vamos celebrar.

Antes que possa responder, uma sirene estilhaça os nossos momentos de paz. Uma voz feminina grita de um altifalante preso a uma árvore:

– Atenção, cidadãos! Atenção, cidadãos! Bombardeiros americanos aproximam-se de Hanói. Cem quilómetros de distância.

– *Ôi trời đất ơi!* – A avó clama pelo Céu e pela Terra. Corre, puxando-me consigo. Rios de pessoas jorram dos seus lares, como formigas. Ao longe, do alto da Ópera de Hanói, as sirenes uivam.

– Ali. – Apressadamente, a avó dirige-se a um abrigo antiaéreo escavado na beira da estrada. Ergue a pesada tampa de betão.

– Não há espaço – grita uma voz do fundo. Dentro do poço redondo, de dimensões suficientes apenas para uma pessoa, está um homem meio ajoelhado, meio de pé. Água lamacenta sobe-lhe até ao peito.

A avó apressa-se a fechar a tampa. Puxa-me em direção a outro abrigo.

– Atenção, cidadãos! Atenção, cidadãos! Bombardeiros americanos aproximam-se de Hanói. Sessenta quilómetros de distância. Forças armadas preparam-se para ripostar. – A voz feminina torna-se mais urgente. As sirenes são ensurdecadoras.

Abrigo após abrigo estão cheios. As pessoas dardejам à nossa frente como aves de asas partidas, abandonando bicicletas, carinhos de mão, malas a tiracolo. Uma menina ergue-se sozinha, a gritar pelos pais.

– Atenção, cidadãos! Atenção, cidadãos! Bombardeiros americanos aproximam-se de Hanói. Trinta quilómetros de distância.

Desastrada devido ao medo, tropeço e caio.

A avó ajuda-me a levantar. Atira com a minha mochila da escola para a beira da estrada e baixa-se para eu lhe saltar para as costas. Corre, fechando as mãos sob as minhas pernas.

Ruídos tonitruantes aproximam-se. Explosões ecoam ao longe. De mãos suadas, agarro-me aos ombros da minha avó e enterro o rosto no seu corpo.

– Atenção, cidadãos! Atenção, cidadãos! Mais bombardeiros americanos aproximam-se de Hanói. Cem quilómetros de distância.

– Corram para a escola. Não vão bombardear a escola – grita a avó a um grupo de mulheres que levam crianças pequenas nos braços e às costas.

Aos cinquenta e dois anos, a minha avó é forte. Passa a correr pelas mulheres, alcançando as que vão à nossa frente. Sacudida para cima e para baixo, encosto o rosto aos seus longos cabelos negros que cheiram como os da minha mãe. Enquanto puder inalar o seu aroma, estarei segura.

– Hương, corre comigo. – A avó agacha-se em frente à minha escola, ofegante. Puxa-me para o pátio da escola. Junto a uma sala de aulas, atira-se para um abrigo vazio. Ao descer para junto dela, a água sobe-me até à cintura, agarrando-me com mãos gélidas. Está tanto frio. É o início do inverno.

A avó ergue os braços e puxa a tampa. Abraça-me, o tambor do seu coração a palpitar pelo meu sangue. Dou graças a Buda pelo dom deste abrigo, suficientemente grande para nos acolher às duas. Temo pelos meus pais nos campos de batalha. Quando voltarão? Terão visto o tio Đạt, o tio Thuận e o tio Sáng?

As explosões aproximam-se. A terra balança, como se fosse uma rede. Aperto as mãos abertas contra os ouvidos. A água sobe, ensopando-me o rosto e o cabelo, toldando-me a visão. Terra e pedras chovem por uma pequena brecha sobre a minha cabeça. Ouvem-se sons de fogo antiaéreo. Hanói resiste. Mais explosões. Sirenes. Gritos. Um intenso fedor a queimado.

A avó junta as mãos diante do peito.

– *Nam Mô A Di Đà Phật, Nam Mô Quan Thế Âm Bồ Tát.* – Torrentes de orações a Buda jorram-lhe dos lábios. Fecho os olhos, imitando-a.

As bombas continuam a estrondear. Segue-se um minuto de silêncio. Um guincho agudo. Retraio-me. Uma poderosa explosão atira-nos, à avó e a mim, contra a tampa do abrigo. A dor obscurece-me o olhar.

Caio de pé sobre a barriga da minha avó. Tem os olhos fechados, as mãos um botão de lótus diante do seu peito. Reza enquanto o ruído trovejante desaparece e os gritos das pessoas se erguem no ar.

– Avó, tenho medo.

Os seus lábios estão azuis, trémulos do frio.

– Eu sei, Goiaba... Também eu tenho medo.

– Avó, se bombardearem a escola, este... este abrigo vai desabar?

Ela debate-se contra o espaço confinado, puxando-me para os seus braços.

– Não sei, querida.

– Se desabar, vamos morrer, avó?

Ela abraça-me com força.

– Goiaba, se bombardearem esta escola, o nosso abrigo poderá desabar sobre nós, mas só morreremos se Buda nos deixar morrer.

Não parecemos nesse dia, em novembro de 1972. Depois de as sirenes sinalizarem que era seguro, a avó e eu emergimos, trémulas folhas finas. Cambaleantes, saímos para a rua. Vários edifícios tinham desabado, derramando os seus destroços no nosso caminho. Rastejámos sobre pilhas de escombros, tossindo. Volutas de fumo e torvelinhos de pó faziam-me arder os olhos.

Agarrei-me à mão da minha avó e vi mulheres ajoelhadas e a uivar junto a cadáveres cujos rostos tinham sido encobertos por esteiras de palha esfarrapadas. As pernas desses corpos projetavam-se na nossa direção. Pernas mutiladas, cobertas de sangue. Uma pequena perna tinha um sapato cor-de-rosa pendurado. A menina morta podia ter a minha idade.

Encharcada, enlameada, a avó puxou-me consigo, a caminhar cada vez mais depressa, passando por partes de corpos dispersas e casas que tinham desmoronado.

Sob a árvore *bàng*, contudo, a nossa casa erguia-se à gloriosa e incongruente luz do sol. Miraculosamente, tinha escapado aos danos. Afastei-me da avó, correndo para abraçar a porta da frente.

A avó apressou-se a ajudar-me a mudar de roupa e aconchegou-me na cama.

– Fica em casa, Goiaba. Salta lá para baixo se os aviões vierem.
– Apontou para o nosso abrigo antiaéreo, escavado pelo meu pai no chão de terra junto à entrada do quarto. Era um abrigo suficientemente grande para nos conter às duas, e estava seco. Sentia-me melhor lá escondida, sob o olhar vigilante dos meus antepassados, cuja presença irradiava do altar familiar, empoleirado no cimo da nossa estante.

– Mas... onde vais, avó? – perguntei eu.

– À minha escola, ver se os meus alunos precisam de ajuda – disse ela, puxando-me o nosso grosso cobertor até ao queixo.

– Mas, avó, não é seguro...

– São só dois quarteirões, Goiaba. Corro para casa assim que ouvir a sirene. Prometes que ficas aqui?

Assenti.

A avó ia já a caminho da porta, mas voltou para junto da minha cama, a sua mão a aquecer-me o rosto.

– Prometes que não vais deambular lá para fora?

– *Cháu húa.* – Sorri para a tranquilizar. Nunca me deixava ir a lado nenhum sozinha, mesmo durante os meses em que não havia bombas. Sempre temera que eu me perdesse de alguma forma. Seria verdade, perguntava-me, o que a minha tia e os meus tios tinham dito sobre a avó ser superprotetora comigo, porque tinham acontecido coisas terríveis aos seus filhos?

Quando a porta se fechou nas suas costas, levantei-me para ir buscar o meu caderno. Mergulhei a ponta da minha caneta no tinteiro. «Queridos mãe e pai», escrevi, numa nova carta aos meus pais, perguntando-me se as minhas palavras alguma vez os alcançariam. Estavam em movimento com as suas tropas e não tinham endereço fixo.

Estava a reler *Bạch Tuyết và bảy chú lùn*, absorta no mundo mágico da Branca de Neve e dos seus amigos Sete Anões, quando a avó chegou a casa, com a minha mochila da escola pendurada

ao braço. Tinha as mãos a sangrar, feridas de tentar resgatar pessoas presas debaixo dos escombros. Puxou-me para o seu peito e abraçou-me com força.

Nessa noite, rastejei para debaixo do nosso cobertor, ouvindo as orações da avó e o tangido rítmico do seu sino de madeira. Rezava a Buda e ao Céu para que ajudassem a acabar com a guerra. Rezava pelo regresso em segurança dos meus pais e dos meus tios. Fechei os olhos, juntando-me à minha avó na sua prece. Estariam os meus pais vivos? Sentiriam tanto a minha falta como eu sentia a deles?

Queríamos ficar em casa, mas anúncios urgentes na radiodifusão pública ordenavam a todos os cidadãos que evacuassem Hanói. A avó devia conduzir os seus alunos e suas famílias a um local remoto nas montanhas onde continuaria com as suas aulas.

– Avó, para onde vamos? – perguntei eu.

– Para a aldeia de Hòa Bình. As bombas não nos conseguirão encontrar lá, Goiaba.

Perguntei-me quem teria escolhido um nome tão encantador para uma aldeia. *Hòa Bình* eram as palavras transportadas nas asas das pombas pintadas nas paredes da sala de aulas da minha escola. *Hòa Bình* tinha a cor azul no meu sonho – a cor do regresso dos meus pais a casa. *Hòa Bình* significava algo simples, intangível, mas muito valioso para nós: *Paz*.

– A aldeia é longe, avó? Como iremos para lá?

– A pé. São só quarenta e um quilómetros. Juntos conseguimos, não achas?

– Então e a comida? O que comeremos?

– Oh, não te preocupes. Os agricultores de lá alimentar-nos-ão com o que tiverem. Em tempos de crise, as pessoas são generosas.

– A avó sorriu. – E se me ajudasses a fazer as malas?

Enquanto nos preparávamos para a nossa viagem, a voz da minha avó ergueu-se ao meu lado, cantando. Tinha uma voz esplêndida, tal como a minha mãe. Costumavam inventar canções tolas, cantando e rindo. Oh, como sentia a falta desses momentos felizes. Agora, à medida que a avó cantava, vastos campos de arroz abriam

os seus braços verdes para me receber, cegonhas elevavam-me nas suas asas, rios arrastavam-me nas suas correntes.

A avó abriu o seu pano de viagem. Empilhou as nossas roupas no meio e juntou o meu caderno, a caneta, o tinteiro e o seu material de ensino. Pôs o seu sino de oração por cima e atou os cantos opostos do pano, transformando-o numa trouxa de transporte para enrolar ao ombro. Do seu outro ombro, pendia um longo tubo de bambu cheio de arroz por cozinhar. Tinha já enchido a minha mochila da escola com água e comida para a estrada.

– Quanto tempo vamos estar fora, avó?

– Não sei bem. Talvez um par de semanas?

Plantei-me junto à estante, percorrendo com as mãos as lombadas dos livros. Contos de fadas vietnamitas, contos de fadas russos, *A Filha do Vendedor de Aves*, de Nguyễn Kiên, *A Ilha do Tesouro*, de um autor estrangeiro cujo nome não consigo pronunciar.

A avó riu-se ao olhar para a pilha de livros nas minhas mãos.

– Não podemos levar tantos, Goiaba. Escolhe um. Pediremos mais alguns emprestados quando lá chegarmos.

– Mas os agricultores leem livros, avó?

– Os meus pais eram agricultores, lembras-te? Tinham todos os livros que possas imaginar.

Perscrutei de novo a estante e decidi-me pelo romance de Đoàn Giỏi, *A Terra e as Florestas do Sul*. Talvez a minha mãe tivesse chegado a *miền Nam*, a essa terra do Sul onde conheceu o meu pai. Tinha de saber mais sobre o seu destino – separada de nós pelos franceses e agora ocupada pelos americanos.

A avó colou um bilhete na porta da frente, que dizia aos meus pais e tios que, caso regressassem, nos poderiam encontrar em Hòa Bình. Toquei na porta da frente antes de partirmos. Com a ponta dos dedos, senti o riso dos meus pais e dos meus tios. Olhando agora para trás através dos anos, ainda me pergunto o que teria trazido comigo se soubesse o que nos ia acontecer. Talvez a fotografia em preto e branco dos meus pais no dia do seu casamento. Mas também sei que, no limiar da morte, não há tempo para a nostalgia.

Na escola da minha avó, juntámo-nos à multidão de professores, alunos e dos seus familiares, vários com bicicletas carregadas de bagagem, e começámos a andar, fundindo-nos com a massa de pessoas em retirada de Hanói. Todos usavam roupas escuras, e as partes metálicas dos veículos estavam cobertas para evitar o reflexo do sol, por medo de atrair bombardeiros. Ninguém falava. Só conseguia ouvir os passos e o choro ocasional dos bebés. O terror e a preocupação escavavam rugas no rosto das pessoas.

Tinha doze anos quando iniciámos essa caminhada de quarenta e um quilómetros. Foi uma viagem difícil, mas a mão da minha avó aquecia a minha quando o vento nos fustigava com o seu amargo frio. Para eu não ter fome, a avó dava-me a sua comida, fingindo já estar cheia. Cantava inúmeras canções para apaziguar os meus medos. Quando eu estava cansada, a avó carregava-me às costas, os seus longos cabelos a envolver-me o rosto. Embrulhava-me no seu casaco quando chovia. Sangue e bolhas cobriam-lhe os pés quando finalmente chegámos à aldeia de Hòa Bình, aninhada num vale e cercada por montanhas.

Hospedámo-nos em casa de dois agricultores idosos – o Sr. e a Sra. Tùng – que deixaram que eu e a avó dormíssemos no chão da sua sala de estar; não havia outro espaço na sua pequena casa. No nosso primeiro dia em Hòa Bình, a avó encontrou um caminho gasto que subia em ziguezague pela montanha mais próxima e ia dar a uma gruta. Alguns aldeões tinham escolhido a gruta como o seu abrigo antiaéreo; a avó decidiu que tínhamos de nos juntar a eles. Apesar de o Sr. Tùng dizer que os americanos jamais bombardeariam a aldeia, eu e a avó passámos o dia seguinte a treinar subir e descer o caminho, tantas vezes, que parecia que as minhas pernas tinham sido marteladas.

– Goiaba, temos de conseguir chegar cá acima, mesmo durante a noite e sem luz – disse a avó, de pé no interior da gruta, bufando e arquejando. – E promete-me que nunca sairás do meu lado, prometes?

Via borboletas a esvoaçar junto à entrada. Estava desejosa de explorar. Tinha visto as crianças da aldeia a tomar banho nuas num lago, a montar búfalos-da-índia através de campos lamacentos e a trepar a árvores para chegar aos ninhos das aves. Queria pedir à avó que me deixasse juntar-me a elas, mas ela fitava-me com um olhar tão preocupado, que aquiesci.

Ao instalarmo-nos no nosso lar temporário, a avó entregou à Sra. Tùng o nosso arroz e algum dinheiro, e ajudávamos a preparar as refeições, a apanhar vegetais do jardim e a lavar a loiça.

– Ah, és uma ajuda tão grande – disse-me a Sra. Tùng, e eu senti-me crescer um pouco. A sua casa era diferente, mas, num certo sentido, muito semelhante à minha em Hanói, com as janelas tapadas com papel preto, para evitar que os bombardeiros americanos vissem algum sinal de vida à noite.

A avó tinha um ar gracioso ao ensinar no pátio do templo da aldeia, os alunos acorados no chão de terra, de rostos a brilhar. A aula não acabava até ter terminado de lhes ensinar uma das suas canções.

– A guerra pode destruir as nossas casas, mas não pode extinguir o nosso espírito – dizia a avó. Os seus alunos e eu desatávamos a cantar tão alto, que nos falhava a voz e parecíamos os sapos que se juntavam a nós dos campos de arroz vizinhos.

A Terra e as Florestas do Sul, passado em 1945, tinha um início fascinante. Aos meus olhos, o Sul parecia tão luxuriante, as pessoas felizes e generosas. Comiam cobras e veados, caçavam crocodilos e recolhiam mel nas densas florestas de mangues. Sublinhava as palavras difíceis e os exóticos termos do Sul e a avó explicava-os sempre que tinha tempo. Chorava com An, que tinha perdido os pais ao fugirem dos cruéis soldados franceses. Perguntava-me por que razão insistiam os exércitos estrangeiros em invadir o nosso país. Primeiro os chineses, depois os mongóis, os franceses, os japoneses e agora os imperialistas americanos.

Enquanto eu escapava numa viagem imaginária ao Sul, as bombas caíam sobre Hanói – o coração do nosso Norte. Fosse

dia ou noite, ante o soar de um gongo, a avó agarrava-me na mão, e puxava-me em direção à montanha. Levava trinta minutos a subir, e nunca me era permitido descansar. Quando chegávamos à gruta, gigantescas aves de metal retumbavam já sobre nós. Agarrava-me à avó, sentindo-me grata pela gruta, mas ao mesmo tempo odiando-a: dela, podia ver a minha cidade a ser devorada pelas chamas.

Uma semana após a nossa chegada, um avião americano foi abatido e o seu piloto conseguiu voltar o aparelho em chamas na direção de Hòa Bình. Ejetou-se com um paraquedas. Outros aviões metralharam e bombardearam a região enquanto tentavam resgatá-lo. Muito mais tarde, saímos da gruta na montanha para ver partes despedaçadas de corpos espalhadas pelas sinuosas estradas da aldeia. A avó tapou-me os olhos ao passarmos por baixo de uma fila de árvores de cujos ramos pendiam entranhas humanas.

Passámos pelo templo desmoronado da aldeia. Sons de tumulto afluíram na nossa direção, seguidos por um grupo de pessoas conduzindo um homem branco. Vestindo um sujo macacão verde, o homem tinha as mãos amarradas atrás das costas. Tinha a cabeça curvada, mas continuava a ser mais alto do que todos quantos o rodeavam. Escorria-lhe sangue pelo rosto e tinha o cabelo louro manchado de lama. Três soldados vietnamitas caminhavam atrás dele, apontando as suas longas armas às costas do branco. No braço direito do uniforme do homem, o vermelho, branco e azul de uma pequena bandeira americana queimava-me os olhos.

– *Giết thằng phi công Mỹ. Giết nó đi, giết nó!* – gritou alguém de repente.

– Matem-no! Matem esse maldito piloto americano – rugiu a multidão, em concordância.

Cerrei os punhos. Aquele homem tinha bombardeado a minha cidade. A agressão do seu país tinha-me arrancado os meus pais.

– Toda a minha família está morta por tua causa. Morre! – gritou uma mulher, atirando uma pedra ao americano. Pestanejei enquanto a pedra o atingia no peito.

– Ordem! – gritou um dos soldados.

A avó e vários outros correram para a mulher soluçante, tomaram-na nos braços e levaram-na dali.

– Far-se-á justiça, irmãos e irmãs – disse o soldado à multidão.
– Por favor, temos de o levar para Hanói.

Observei o piloto ao passar por mim. Não emitiu nenhum som ao ser atingido pela pedra; limitou-se a baixar mais a cabeça. Não tinha a certeza, mas pareceu-me ver algumas lágrimas a escorrer-lhe pelo rosto, misturando-se com o seu sangue. Enquanto a multidão o seguia, vociferando e gritando, estremei, perguntando-me o que aconteceria aos meus pais se defrontassem o inimigo.

Para afugentar o medo, enterrei-me no meu livro, que me levava para mais perto dos meus pais. Inalei o aroma das florestas de mangues e senti a brisa dos rios repletos de peixes e tartarugas. A comida parecia ser abundante no Sul. Essa comida ajudaria os meus pais a sobreviver se chegassem ao seu destino. Mas continuaria o Sul a ser assim tão luxuriante mesmo com o exército americano lá? Parecia destruir tudo à sua passagem.

Ao aproximar-me das últimas páginas, sustive a respiração. Queria que An encontrasse os pais, mas em vez disso juntou-se às guerrilhas Viêt Minh para lutar contra os franceses. Disse-lhe para não o fazer, mas ele tinha já saltado para uma sampana, remando para longe, desaparecendo no espaço em branco que se estendia após a última palavra do romance.

– O An devia ter-se esforçado mais por procurar os pais – disse eu à avó, afastando o livro.

– Bem, em tempos de guerra, as pessoas agem de forma patriótica, dispostas a sacrificar as suas vidas e as suas famílias pela causa comum.

– Ergueu o olhar da minha blusa rasgada, que estava a remendar.

– Pareces os meus professores. – Lembrei-me das muitas lições que tinha aprendido sobre crianças consideradas heroínas por se terem feito explodir com bombas para matar soldados franceses ou americanos.

– Queres saber o que eu realmente penso? – perguntou a avó, inclinando-se para mim. – Não acredito na violência. Nenhum de nós tem o direito a tirar a vida a outro ser humano.

Em meados de dezembro, circularam rumores de que era agora seguro regressar a casa, de que o presidente americano Nixon ia fazer uma pausa na guerra para desfrutar do seu feriado natalício de paz e boa vontade. As pessoas deixaram os seus esconderijos, descendo em grande número às estradas que as conduziriam de volta à nossa capital. Os que o podiam fazer alugaram carros de bois ou de búfalos ou partilharam uma carrinha. Os que não tinham dinheiro faziam todo o caminho a pé.

Não nos juntámos a eles. A avó pediu aos seus alunos e respetivas famílias que ficassem onde estavam. Deve ter sido Buda a dizer-lhe para o fazer. No dia 18 de dezembro de 1972, vimos do interior da gruta na montanha como a nossa cidade se transformava numa bola de fogo.

Contrariamente aos ataques anteriores, desta vez os bombardeamentos não cessaram. Continuaram ao longo do dia e da noite seguintes. Ao terceiro dia, a avó e vários adultos arriscaram sair para ir buscar comida e água. A avó demorou muito tempo a regressar e trouxe consigo o Sr. e a Sra. Tùng. Enquanto a Sra. Tùng se queixava dos seus joelhos, o Sr. Tùng disse-nos que os americanos estavam a usar a sua arma mais poderosa em Hanói: bombardeiros B-52.

– Disseram que nos querem bombardear de volta à Idade da Pedra – disse-nos ele, cerrando os dentes. – Não os deixaremos.

Hanói ardeu e as bombas caíram durante doze dias e doze noites. Quando os bombardeamentos finalmente pararam, ficou tudo tão silencioso, que podia ouvir as abelhas a zumbir nos ramos das árvores. E, tal como essas abelhas trabalhadoras, a minha avó regressou às aulas e os aldeões aos campos.

Uma semana depois, chegou um grupo de soldados. Erguendo-se nos degraus que restavam do templo, um deles exibia um grande sorriso no seu rosto descarnado.

– Derrotámos aqueles terríveis bombardeiros! – anunciou, erguendo o punho no ar. – As nossas tropas de defesa abateram oitenta e um aviões inimigos, trinta e quatro dos quais bombardeiros B-52.

Eclodiram vivas em meu redor. Era agora seguro regressarmos a casa. As pessoas abraçaram-se, chorando e rindo.

– Nunca esquecerei a vossa bondade – disse a avó aos nossos anfitriões. – *Một miếng khi đói bằng một gói khi no.* – Uma dentada com fome equivale a muitas de barriga cheia.

– *Lá lành đùm lá rách* – respondeu a Sra. Tùng. As folhas intactas protegem as folhas rasgadas. – Serão sempre bem-vindas em nossa casa. – Apertou a mão da minha avó.

Sorri, encantada, sempre que havia provérbios integrados nas conversas. A avó tinha-me dito que os provérbios eram a essência da sabedoria dos nossos antepassados, transmitida oralmente de geração em geração, mesmo antes de a nossa linguagem escrita existir.

Com os nossos corações a transbordar de esperança, caminámos durante muitas horas para regressar a Hanói.

Esperava vitória, mas foi a destruição a atingir-me o olhar para onde quer que o voltasse. Grande parte da minha bela cidade tinha sido reduzida a escombros. Tinham largado bombas sobre Khâm Thiên – a minha rua – e sobre o vizinho Hospital Bạch Mai, onde a minha mãe trabalhara, matando muitas pessoas. Mais tarde, regressaria à escola, esvaziada dos meus quinze amigos.

E a nossa casa! Desaparecera. A nossa árvore *bàng* jazia esparramada sobre os destroços. A avó caiu de joelhos. Uivos escaparam das profundezas do seu interior, trespassando o fedor a corpos apodrecidos, fundindo-se num lamentoso mar de tristeza.

Chorei com a minha avó enquanto afastávamos tijolos partidos e lajes de betão. Os nossos dedos sangraram enquanto procurávamos o que podia ser salvo. Encontrámos vários dos meus livros, dois dos manuais da minha avó e algum arroz espalhado. A avó apanhou cada grão como se fosse uma joia. Nessa noite, no pátio

da minha escola, aninhámo-nos contra o vento com pessoas que também haviam perdido as suas casas para preparar a nossa refeição partilhada de arroz misturado com terra e manchado de sangue.

Vendo a minha avó então, ninguém poderia imaginar que outrora havia sido considerada *cánh vàng lá ngọc* – uma folha de jade num ramo de ouro.

Três meses antes, ao preparar-se para partir para o campo de batalha, a minha mãe tinha-me dito que a avó nascera numa das famílias mais ricas da província de Nghệ An.

– Passou por grandes provações e é a mulher mais dura que conheço. Mantém-te junto dela e ficarás bem – disse a minha mãe, guardando as suas roupas numa mochila verde. Formada como médica, tinha-se voluntariado para ir para sul a fim de procurar o meu pai, que se tinha embrenhado nas profundezas da selva com os seus soldados e não enviara notícias nos últimos quatro anos. – Vou encontrá-lo e trazê-lo de volta para ti – prometeu-me ela, e eu acreditei, pois conseguia sempre o que decidia fazer. Mas a avó disse que era uma missão impossível. Tentou impedir a minha mãe de ir, mas em vão.

No momento em que a minha mãe partia, o Céu chorou a sua despedida em grandes gotas de chuva.

– *Hương ơi, mẹ yêu con!* – gritou ela, pondo o rosto de fora do camião de partida. Era a primeira vez que dizia que me amava, e eu temia que fosse a última. A chuva abateu-se sobre nós e engoliu-a na sua rodopiante boca.

Nessa noite e nas muitas que se seguiram, para secar as minhas lágrimas, a avó abriu-me as portas da sua infância. As suas histórias arrebataram-me e depositaram-me no alto das colinas de Nghệ An, onde podia encher os pulmões com a fragrância dos campos de arroz, mergulhar os olhos no rio Lam e tornar-me um ponto verde na cordilheira dos montes Trường Sơn. Nas suas histórias, sentia a doçura das bagas *sim* na minha língua, sentia gafanhotos a pontapear-me as mãos e dormia numa rede sob um céu tecido por estrelas cintilantes.

Fiquei espantada quando a avó me contou como a sua vida tinha sido amaldiçoada pela previsão de um adivinho e como tinha sobrevivido à ocupação francesa, à invasão japonesa, à Grande Fome e à Reforma Agrária.

À medida que a guerra continuava, foram as histórias da avó a manter-me e às minhas esperanças vivas. Compreendi que o mundo era realmente injusto e que tinha de levar a minha avó de volta à sua aldeia para procurar justiça, ou talvez até para se vingar.